O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VII | Volume 21 | Nº 61 | Boa Vista | 2025

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.14983695

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

TRAJETÓRIA EMPREENDEDORA: UM OLHAR SOBRE MULHERES NA ECONOMIA INFORMAL DA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL[1]

Jéssica da Silva Maciel[2]

Luciana Davi Traverso[3]

Aline Paim Soares[4]

Resumo

A economia informal emerge como terreno fértil para o empreendedorismo feminino, embora permeada por desafios estruturais e socioculturais significativos. Ao escolherem este caminho, as mulheres frequentemente enfrentam barreiras que vão desde a precariedade de recursos até a falta de reconhecimento social das suas atividades. Este estudo investiga as experiências de mulheres que atuam na economia informal na região central do Rio Grande do Sul, analisando seu perfil, os motivos que as levaram a empreender nesse segmento, bem como os benefícios e desafios enfrentados. Para tanto, adotou-se uma abordagem qualitativa e exploratória, com a realização de entrevistas semiestruturadas com empreendedoras selecionadas por meio da técnica de Bola de Neve, permitindo acessar mulheres de diferentes áreas da economia informal. Os dados foram analisados por meio da análise textual interpretativa, garantindo uma compreensão aprofundada das experiências relatadas. Os resultados indicam uma complexa interação entre as motivações pessoais das empreendedoras e os desafios que enfrentam. Entre as principais motivações, destacam-se a busca por autonomia, a flexibilidade e a necessidade de conciliar trabalho e responsabilidades familiares. No entanto, essas mulheres lidam com dificuldades significativas, como o acesso limitado a recursos financeiros e a falta de apoio institucional. Apesar desses obstáculos, as empreendedoras demonstram alta resiliência e capacidade de inovação, fatores esses que impulsionam sua autonomia e contribuem para a sustentabilidade de seus negócios. Assim, evidencia-se que a perseverança e a criatividade desempenham um papel crucial no fortalecimento de suas trajetórias empreendedoras, promovendo autorrealização e independência.

Palavras-chave: Economia Informal; Empreendedorismo Feminino; Trajetória Empreendedora.

Abstract

The informal economy emerges as a fertile ground for female entrepreneurship, although it is permeated by significant structural and sociocultural challenges. Women who choose this path often face barriers ranging from resource scarcity to the lack of social recognition for their activities. This study investigates the experiences of women engaged in the informal economy in the central region of Rio Grande do Sul, analyzing their profiles, the reasons that led them to entrepreneurship in this segment, as well as the benefits and challenges they face. To this end, a qualitative and exploratory approach was adopted, conducting semi-structured interviews with female entrepreneurs selected through the Snowball sampling method, allowing access to women from different areas of the informal economy. The data were analyzed using interpretative textual analysis, ensuring an in-depth understanding of the reported experiences. The results indicate a complex interaction between the entrepreneurs' personal motivations and the challenges they encounter. Among the main motivations are the pursuit of autonomy, flexibility, and the need to balance work and family responsibilities. However, these women face significant difficulties, such as limited access to financial resources and a lack of institutional support. Despite these obstacles, they demonstrate high resilience and innovative capacity, factors that drive their autonomy and contribute to the sustainability of their businesses. Thus, it became evident that their perseverance and creativity play a crucial role in strengthening their entrepreneurial journeys, promoting self-fulfillment and independence.

Keywords: Entrepreneurial Journey; Female Entrepreneurship; Informal Economy.

[1] A presente pesquisa contou com o apoio institucional da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

[2] Doutoranda em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: jessicadsmaciel@gmail.com

[3] Professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutora em Administração de Empresas. E-mail: luciana.traverso@ufsm.br

[4] Mestranda em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: alinesoares0410@gmail.com

INTRODUÇÃO

O empreendedorismo feminino na economia informal tem se consolidado como uma alternativa crucial para a geração de renda e autonomia econômica de mulheres em diversas partes do mundo. No Brasil, essa realidade se intensifica à medida que mulheres encontram no trabalho autônomo e informal uma resposta à exclusão do mercado de trabalho formal, seja por falta de oportunidades, seja pela necessidade de conciliar a vida profissional com as responsabilidades domésticas e familiares. Apesar de ser um fenômeno expressivo, o empreendedorismo feminino na economia informal ainda é marcado por vulnerabilidades estruturais e sociais que limitam seu potencial de crescimento e reconhecimento.

A inserção de mulheres nesse setor, muitas vezes, não é resultado de uma escolha estratégica, mas sim de uma necessidade imposta por um mercado de trabalho excludente e pela carência de políticas públicas eficazes. No Brasil, milhões de mulheres empreendem na informalidade, enfrentando desafios como ausência de apoio institucional, restrições ao acesso a crédito e capacitação, além da sobrecarga decorrente da dupla jornada de trabalho. Ao mesmo tempo, esse segmento desempenha um papel econômico e social significativo, promovendo a inclusão produtiva e impulsionando a economia local. No entanto, a informalidade frequentemente limita o crescimento desses negócios, dificultando sua sustentabilidade e a obtenção de melhores condições de trabalho.

Apesar da relevância desse tema, a literatura acadêmica sobre as trajetórias de mulheres empreendedoras na economia informal ainda é incipiente. Grande parte dos estudos existentes se concentra em aspectos mais amplos do empreendedorismo feminino, sem aprofundar as especificidades das experiências vividas nesse contexto. Assim, há uma lacuna importante no entendimento das motivações, desafios e oportunidades enfrentadas por essas empreendedoras. Compreender tais dinâmicas é essencial não apenas para dar visibilidade a essa realidade, mas também para embasar políticas públicas e iniciativas que fortaleçam a atuação dessas mulheres, promovendo maior equidade e desenvolvimento socioeconômico.

Diante desse cenário, este estudo tem como objetivo investigar as trajetórias empreendedoras de mulheres que atuam na economia informal na região central do Rio Grande do Sul. Para isso, busca-se: (i) delinear o perfil dessas empreendedoras; (ii) explorar os fatores que motivam sua entrada na economia informal; e (iii) identificar os benefícios e desafios enfrentados ao longo de suas jornadas.

Para alcançar esses objetivos, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa e exploratória. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com empreendedoras selecionadas por meio da técnica de Bola de Neve, permitindo acessar diferentes perfis de atuação na economia informal. A análise dos dados

seguiu os princípios da análise textual interpretativa, proporcionando uma compreensão aprofundada das experiências dessas mulheres.

Balizado por esses objetivos, o artigo está estruturado da seguinte forma: a Seção 2 apresenta o referencial teórico sobre empreendedorismo feminino e economia informal. A Seção 3 detalha os aspectos metodológicos da pesquisa. A Seção 4 descreve os resultados obtidos e os desafios enfrentados pelas empreendedoras. A Seção 5 traz a discussão dos achados, e a Seção 6 apresenta as principais conclusões do estudo, além de sugerir direções para pesquisas futuras.

EMPREENDEDORISMO FEMININO NA ECONOMIA INFORMAL

O empreendedorismo feminino tem emergido como uma força significativa na economia global, sendo essencial para o crescimento econômico e para a inclusão social de mulheres em diferentes contextos (STROPARO; SENHORAS, 2023). Entretanto, apesar de sua relevância, as mulheres continuam enfrentando barreiras estruturais e institucionais que limitam sua inserção e crescimento no mercado empreendedor, especialmente na economia informal.

A economia informal, onde há maior flexibilidade para entrada no mercado, representa tanto oportunidades quanto desafios específicos para as mulheres (KAI; QUEIROZ, 2022). Em muitos casos, a informalidade atua como um mecanismo de sobrevivência econômica, embora tenha impacto limitado no crescimento sustentável dos negócios e na redução de desigualdades (KAI; QUEIROZ, 2022). O empreendedorismo informal feminino é especialmente notório em países em desenvolvimento, onde frequentemente está relacionado à busca de autonomia financeira e ao sustento familiar diante da escassez de oportunidades formais.

As desigualdades de gênero no acesso ao financiamento, a sobrecarga do trabalho doméstico e a escassez de redes de apoio são fatores que contribuem para que muitas mulheres optem pelo empreendedorismo como alternativa ao mercado de trabalho formal (FLEITAS *et al*., 2024). A precariedade das condições laborais e a falta de seguridade social evidenciam que o empreendedorismo feminino na economia informal frequentemente se configura mais como uma estratégia de sobrevivência do que como uma oportunidade de crescimento sustentável (STROPARO; SENHORAS, 2023).

Outro fator que impacta o empreendedorismo feminino na economia informal é a dificuldade de acesso ao crédito e a programas de capacitação. Estudos recentes demonstram que políticas públicas de apoio às mulheres empreendedoras ainda são insuficientes para garantir a sustentabilidade de seus negócios (STROPARO; SENHORAS, 2023). Iniciativas como linhas de crédito específicas e programas

de qualificação profissional, no entanto, têm se mostrado estratégias eficazes para fomentar o crescimento dessas empreendedoras (SILVA, ANDRADE; ALCÂNTARA, 2024).

A literatura recente enfatiza o papel das normas de gênero no delineamento das experiências das mulheres na economia informal. Fabrício, Vizeu e Pereira (2024) identificaram que as restrições impostas por normas culturais e sociais afetam diretamente a capacidade das mulheres de acessar recursos financeiros, tecnológicos e de *networking*. Além disso, a ausência de políticas públicas inclusivas e de apoio específico às mulheres empreendedoras perpetua barreiras significativas nesse contexto (FABRÍCIO; VIZEU; PEREIRA, 2024).

Iizuka e Costa (2022) analisaram os negócios inclusivos liderados por mulheres empreendedoras, destacando avanços teóricos e empíricos. Os autores apontam que, embora os desafios sejam significativos, estudos evidenciam a resiliência e a capacidade de inovação das empreendedoras na economia informal. Muitas mulheres utilizam redes de apoio, como grupos comunitários e familiares, para superar adversidades e criar negócios que atendem tanto às suas necessidades quanto às de suas comunidades. Essas redes proporcionam acesso a mercados, fornecedores e informações, desempenhando um papel crucial na sobrevivência e no crescimento dos negócios informais liderados por mulheres (IIZUKA; COSTA, 2022).

Além disso, iniciativas governamentais têm buscado fortalecer o empreendedorismo feminino. Por exemplo, o Governo de São Paulo destinou R$ 265 milhões em crédito a juros mais baixos, visando promover a independência financeira e a criação de negócios próprios para mulheres, evidenciando esforços concretos para apoiar o empreendedorismo feminino no país (JORNAL PRIMEIRA PÁGINA, 2023).

Dados das últimas edições do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) indicam que, em países emergentes, entre 40% a 50% dos empreendedores informais são mulheres, o que evidencia que o setor informal representa uma via importante para a inclusão e a autonomia econômica feminina (GEM, 2023; GEM, 2024). Esses números reforçam a necessidade de políticas públicas que ampliem o acesso a financiamento, capacitação e redes de apoio, a fim de transformar o empreendedorismo informal de uma estratégia de sobrevivência em uma oportunidade de crescimento sustentável para as mulheres.

Diversos pesquisadores têm se dedicado a analisar os desafios enfrentados por mulheres na economia informal, evidenciando que as barreiras à formalização e ao crescimento sustentável vão além das condições econômicas imediatas. Por exemplo, Xheneti, Madden e Tapha Karki (2019), em uma revisão sistemática de 76 artigos, demonstraram que fatores institucionais, culturais e de identidade – como desigualdade de gênero, classe e valores culturais – moldam profundamente as experiências das

empreendedoras, evidenciando que as barreiras para a formalização estão enraizadas em relações de poder desiguais e estruturas sociais restritivas.

Zwane e Zhou (2023) examinaram os obstáculos que limitam o crescimento sustentável de microempresas informais lideradas por mulheres na uMhlathuze Municipality, na África do Sul. A pesquisa qualitativa identificou que o acesso restrito a financiamentos, infraestrutura precária e lacunas em capacitação em gestão são desafios centrais. Além disso, barreiras regulatórias dificultam a formalização dos negócios, o que restringe o potencial de expansão das empreendedoras. Em resposta, as mulheres recorrem a estratégias como o uso intensivo de redes sociais e a diversificação de atividades para mitigar essas dificuldades, embora tais iniciativas não eliminem completamente os desafios estruturais existentes.

Xheneti e Madden (2024) exploram as dimensões espaciais do empreendedorismo feminino na economia informal, adotando uma perspectiva socioespacial fundamentada nas ideias de Lefebvre. Ao analisar dados qualitativos de empreendedoras em contextos desafiadores – onde as relações de reciprocidade, obrigações morais e a imbricação de práticas cotidianas se destacam – o estudo demonstra como essas mulheres negociam as tensões entre as estruturas formais e as realidades vividas. O artigo desafia a visão linear de transição do informal para o formal, evidenciando que os espaços informais são profundamente moldados por contextos culturais e sociais específicos, o que tem implicações para a formulação de políticas mais sensíveis e contextualizadas.

Em vista disso, é essencial evitar a romantização do empreendedorismo feminino na economia informal. Embora existam casos de sucesso, a maioria das mulheres que atuam nesse setor enfrenta barreiras estruturais que dificultam a transição para a formalidade e o crescimento sustentável de seus negócios. Políticas públicas inclusivas e iniciativas de suporte financeiro e técnico são fundamentais para que o empreendedorismo feminino seja de fato um caminho viável para a autonomia econômica e a equidade de gênero (STROPARO; SENHORAS, 2023; SILVA; ANDRADE; ALCÂNTARA, 2024).

Para que o empreendedorismo na economia informal seja mais do que uma estratégia de sobrevivência, é necessário fortalecer ações que promovam capacitação, acesso a crédito e regulamentação desse setor. Dessa forma, as mulheres empreendedoras poderão prosperar e contribuir de maneira sustentável para o desenvolvimento econômico e social.

METODOLOGIA

Este trabalho constitui um segmento específico de uma investigação mais ampla. O recorte focalizado foi especificamente escolhido para aprofundar a compreensão sobre a trajetória

empreendedora de mulheres na economia informal brasileira. Para tanto, o estudo adota uma abordagem qualitativa e exploratória, em consonância com Creswell e Poth (2016), para investigar as trajetórias dessas mulheres. A escolha desta abordagem é apoiada por Hlady-Rispal, Fayolle e Gartner (2024) e Tracy (2020), que destacam sua adequação para explorar fenômenos complexos e culturalmente enraizados, tal como o empreendedorismo feminino.

A pesquisa foi realizada na cidade de Santa Maria, localizada na região central do Rio Grande do Sul, um importante polo regional com intensa atividade comercial e eventos voltados ao empreendedorismo feminino. Santa Maria foi escolhida devido à sua representatividade na economia informal e à realização de eventos como as feiras *Pop-Up Eco Design* e *Venus Attack*, que são espaços de valorização e exposição para mulheres empreendedoras. A Figura 1 apresenta o mapa georreferenciado de Santa Maria, destacando sua posição na região central do estado.

Figura 1 – Localização de Santa Maria,
na região central do Rio Grande do Sul, Brasil



Fonte: UOL Notícias.

Como base inicial para a seleção das participantes, foram estabelecidos contatos com empreendedoras das feiras de empreendedorismo feminino da cidade, garantindo um recorte representativo de setores da economia informal, como artesanato, alimentos, vestuário e serviços. Foram entrevistadas oito mulheres empreendedoras, escolhidas por meio da técnica Bola de Neve (NOY, 2008; SINGH, 2024). A Tabela 1 apresenta a síntese do perfil das empreendedoras entrevistadas (E1 a E8).

Tabela 1 – Síntese do perfil das empreendedoras entrevistas

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8
Idade	30	27	42	28	23	29	23	29
Estado civil	Casada	Solteira	Divorciada	Casada	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira
Filhos	1	0	0	0	0	0	0	0
Escolaridade	Ensino Médio	Superior Comp.	Mestrado	Pós-Grad.	Superior Inc.	Superior Inc.	Superior Comp.	Doutorado
Ramo de atuação	Beleza	Bordado	*Design*	Cosmetologia	Artístico	Moda	Bordado	Joias Artesanais
Tempo de atuação	10 anos	2 anos	5 anos	6 anos	4 anos	1,5 anos	1,5 anos	1 ano
Possui emprego formal	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Sim
Tempo dedicado ao negócio (diário)	3h à 6h	6h	10h	10h	8h	13h30	4h	4h

Fonte: Elaboração própria.

Os dados primários foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas virtualmente, com duração média de 90 minutos, seguindo as orientações de Bauman (2015) para a realização de entrevistas qualitativas em ambientes virtuais. A determinação do número de entrevistas foi guiada pelo princípio de saturação dos dados, seguindo as orientações de Guest, Bunce e Johnson (2006) e Rahimi *et al*. (2024). Tal critério foi atendido quando as entrevistas subsequentes deixaram de agregar novas informações relevantes às categorias estabelecidas. O ponto de saturação indicou que os dados coletados eram suficientes para uma compreensão abrangente das dinâmicas do empreendedorismo feminino na economia informal, assegurando a adequação da amostra para os objetivos da pesquisa.

O roteiro de entrevistas foi elaborado para abarcar os aspectos cruciais do empreendedorismo feminino na economia informal brasileira, incluindo trajetória empreendedora, desafios e oportunidades enfrentados por essas mulheres em seus diferentes contextos. As perguntas abertas foram baseadas nas categorias analíticas derivadas da literatura, permitindo que as participantes discorressem livremente sobre suas experiências, sem restrições impostas por respostas pré-definidas (MAY, 2004; MINAYO *et al*., 2016; VÁSQUEZ, SERGI; HUSSENOT, 2024).

O instrumento de pesquisa foi submetido a um processo de validação por um comitê de especialistas, composto por profissionais com sólida experiência na área, garantindo a relevância e a clareza das questões (LENGLER; ESTIVALETE; FERREIRA, 2019). O instrumento, em conjunto com a versão inicial do projeto de pesquisa, foi enviando via *e-mail* para as especialistas. Cada membro do comitê sugeriu correções e melhorias no instrumento, que foram analisadas e incorporadas na versão final do instrumento, em consonância com o objetivo proposto. Esse processo interativo durou cerca de um mês e resultou em um roteiro de entrevistas com 22 questões ao total. Tal procedimento foi crucial para refinar o instrumento de coleta de dados, assegurando que as entrevistas capturassem as informações essenciais para atingir os objetivos do estudo. Duas entrevistas piloto foram conduzidas para testar a aplicabilidade do roteiro, resultando em pequenos ajustes para otimizar a clareza e a eficácia das perguntas.

Para garantir a profundidade e a abrangência da análise, o estudo foi fundamentado em categorias analíticas definidas a *priori*. A definição prévia dessas categorias visou fortalecer a confiabilidade do estudo ao assegurar que a coleta e análise de dados estejam alinhadas com os principais temas identificados na pesquisa acadêmica sobre empreendedorismo feminino buscando alcançar os objetivos propostos pelo estudo. As categorias consideradas foram: i) Perfil das Empreendedoras; ii) História de Vida; iii) Motivos e Decisão de Empreender; iv) Apoio Familiar e de Demais Pessoas; v) Dificuldades e Desafios; e vi) Benefícios e Oportunidades.

Para a análise dos dados das entrevistas empregou-se a análise textual interpretativa, uma metodologia reconhecida para pesquisas qualitativas focadas em experiências subjetivas, conforme Braun e Clarke (2021). Além disso, seguiram-se as orientações de Gil Flores (1994), que propõe um processo de análise baseado na codificação para sistematizar e conceitualizar as informações obtidas, facilitando a interpretação de dados ricos e complexos. O processo foi complementado pelos princípios de análise de dados qualitativos descritos por Patton (2015), que enfatiza a importância da flexibilidade e reflexividade na análise.

As entrevistas foram estruturadas para explorar profundamente as categorias, que orientaram tanto a coleta quanto a análise dos dados. Isso permitiu que as empreendedoras compartilhassem suas experiências, desafios e sucessos dentro do contexto da economia informal. Para melhor compreensão dos resultados, as entrevistas com as empreendedoras foram codificadas de E1 a E8, onde E1 corresponde a primeira entrevistada, E2 a segunda entrevistada e assim sucessivamente.

Procedimentos éticos foram seguidos, garantindo o consentimento informado, a confidencialidade e o anonimato dos participantes, conforme as diretrizes éticas destacadas por Guillemin e Gillam (2004). Seguindo os procedimento metodológicos estabelecidos, a Seção 4 apresenta os resultados obtidos a partir da análise detalhada das experiências das entrevistadas, de forma organizada a partir das categorias analíticas.

RESULTADOS

Esta seção contempla a jornada empreendedora das mulheres entrevistadas de acordo com as categorias analíticas definidas neste estudo, nomeadamente: Perfil das Empreendedoras; História de Vida; Motivos e a Decisão de Empreender; Apoio Familiar e de Demais Pessoas; Dificuldades e Desafios; e vi) Benefícios e Oportunidades. Todos os excertos das falas das empreendedoras apresentados nesta seção estão transcritos literalmente, tal como foram proferidos ("sic").

Perfil das Empreendedoras

As participantes entrevistadas neste estudo têm idades entre 23 e 42 anos, refletindo uma diversidade geracional. A maioria é solteira (5), duas são casadas e uma é divorciada, indicando uma variedade de experiências de vida e contextos familiares. Apenas uma das entrevistadas possui filhos, sugerindo que as responsabilidades parentais podem influenciar a participação na economia informal.

Em relação à formação destas, têm-se a predominância de nível superior completo (5) e pós-graduação (3) destacando-se alto nível de escolaridade. As áreas de formação incluem *design*, moda, biologia, letras e artes evidenciando um amplo espectro de competências e interesses. A maioria se identifica como autônoma (5), entretanto, algumas mantém atividades laborais adicionais.

A renda familiar média reportada é de aproximadamente R$ 3.400 e o tempo de atuação na economia informal varia de 1 a 10 anos. Os negócios abrangem setores como arte, beleza, bordados, entre outros, com uma média de 7 horas e 30 minutos diários dedicados ao empreendimento. Interessantemente, a maioria (6) não tem histórico familiar de empreendedorismo, sugerindo um movimento geracional inovador em direção a atividades empreendedoras.

História de Vida

As empreendedoras analisadas neste estudo provêm de diferentes contextos familiares, onde pais e demais familiares atuam em diversas profissões, desde o setor de educação até o serviço público. Esta diversidade de origens contribuiu para a formação de um conjunto de valores compartilhados que se mostraram cruciais para suas trajetórias empreendedoras.

Os valores como educação, a responsabilidade, a persistência, a autonomia, a honestidade, o esforço e a valorização do trabalho emergem como valores centrais, destacando a importância desses atributos no fomento da atividade empreendedora (STRAWSER *et al*., 2021), mostrando que independente da formalização ou não da atividade empreendedora, esses valores estão presentes. Por exemplo, uma empreendedora refletiu sobre a ênfase de sua família na educação e no trabalho duro como meio de alcançar objetivos pessoais: "*Eles sempre me passaram bastante que a gente tinha que estudar para conseguir um emprego enfim, e conseguir as nossas coisas... eles sempre me passaram que pra conseguir as coisas que a gente queria a gente tinha que trabalhar bastante*" (E2).

Outra participante destacou a honestidade e a integridade como valores familiares centrais, observando: "*Na questão de valores assim, eu acho que a questão da honestidade sabe, isso eu vejo*

bastante na nossa criação, tanto minha quanto dos meus irmãos, eu considero que todo mundo ali é muito honesto assim, muito íntegro sabe". (E4).

As narrativas pessoais das empreendedoras destacam como a internalização destes valores desempenho um papel crucial nas suas decisões de empreender, alinhando-se com a literatura que enfatiza a intersecção entre motivações pessoais e fatores contextuais no empreendedorismo feminino (Strawser *et al*., 2021). Por exemplo, a ênfase na educação e no trabalho árduo reflete a busca por independência financeira e contribuição para o sustento familiar, características comumente associadas ao empreendedorismo feminino na economia informal (FAIRLIE; FOSSEN, 2020).

Além disso, a valorização da autonomia e da honestidade nas narrativas das empreendedoras ressoa com a teoria de "fazer gênero" de West e Zimmerman (1987), que sugere como as práticas de gênero influenciam as dinâmicas empresariais. A escolha de empreender, portanto, pode ser vista não apenas como uma resposta às circunstâncias econômicas, mas também como uma afirmação de valores pessoais e profissionais, desafiando as normas de gênero tradicionais e reiterando o papel do empreendedorismo como uma via para a realização pessoal e o desenvolvimento comunitário (SOWATEY *et al*., 2018; RINDOVA, BARRY; KETCHEN, 2009).

Contudo, é importante notar que, embora os valores transmitidos pelas famílias das empreendedoras tenham fomentado a predisposição a empreender, a falta de antecedentes empreendedores diretos nos contextos familiares também destaca algumas das barreiras estruturais e socioculturais enfrentadas pelas mulheres na economia informal (STRAWSER *et al*., 2021). Essa dinâmica sublinha a necessidade de políticas e intervenções que não apenas reconheçam e valorizem suas contribuições, mas também abordem as desigualdades sistêmicas que limitam suas oportunidades de crescimento e sucesso (CAVALCANTE, 2018).

Motivos e a Decisão de Empreender

As motivações que levaram as participantes deste estudo a adentrar na economia informal são multifacetadas, refletindo tanto necessidades econômicas pessoais quanto desejos de autorrealização e independência. A iniciação de um negócio serviu não apenas como uma fonte de renda, mas também como um caminho para a realização pessoal e profissional. Os motivos são enquadrados em quatro categorias centrais, conforme segue.

- **Necessidade econômica e complementação de renda:** A necessidade de complementar a renda familiar emergiu como um tema recorrente entre as entrevistadas. Por exemplo, uma participante relatou: "*Olha eu acho que na verdade o que me influenciou foi fato de*

complementar a renda né de ter uma renda na verdade porque antes para não ter só a renda do meu esposo, eu resolvi fazer isso para complementar a renda" (E1). Esta narrativa ressalta a importância da contribuição econômica das mulheres para o sustento familiar, alinhando-se com estudos que destacam o empreendedorismo de necessidade entre as mulheres (FAIRLIE; FOSSEN, 2020).

- **Busca por autonomia e realização pessoal:** Além das motivações financeiras, a busca por autonomia e realização pessoal também foi significativa. Uma empreendedora expressou: *"Por necessidade sabe, daí eu vim morar aqui no Rio Grande do Sul... Então eu precisei agora nos últimos anos escolher olhar pra isso, por necessidade porque eu preciso com que isso vire a minha fonte de renda"* (E4). Essa declaração reflete a complexidade das motivações para o empreendedorismo, onde fatores econômicos se entrelaçam com o desejo de independência e autossuficiência.
- **Insatisfação com oportunidades de trabalho anteriores**: A insatisfação com o trabalho anterior surgiu como um fator catalisador para algumas empreendedoras, evidenciando a busca por trabalho que esteja mais alinhado com suas capacidades e valores. "*A questão também de não valorização de mão de obra dentro da moda... sempre me causou muito desgosto... daí a partir dali eu entendi que não era pra mim... que eu precisava fazer a moda que eu acreditava*" (E6). Esta experiência ressalta como a insatisfação profissional pode impulsionar as mulheres a buscar alternativas empreendedoras que ofereçam maior satisfação e alinhamento com seus valores pessoais.
- **Influência do ambiente e apoio social**: O ambiente e o apoio social também desempenharam um papel crucial na decisão de empreender. O incentivo de amigos e familiares foi fundamental para transformar *hobbies* ou interesses pessoais em empreendimentos. "*Daí eu acabava fazendo bordado para dar para minhas amigas... e eu acho que o junto com a minha vontade de querer ter algo meu e o incentivo das pessoas tipo de casa assim eu acabei criando a empresa de bordados*" (E2). Este relato ilustra como o encorajamento social pode atuar como um catalisador para o empreendedorismo, destacando a importância das redes de apoio.

A interação entre razões econômicas, desejo de autonomia, insatisfação com empregos antigos e o apoio da comunidade nas trajetórias empreendedoras dessas mulheres mostra a variedade de fatores que influenciam o empreendedorismo feminino na economia informal. Essas razões estão refletidas em estudos anteriores (STRAWSER *et al*., 2021; FAIRLIE; FOSSEN, 2020), que apontam tanto para obstáculos quanto para incentivos ao empreendedorismo feminino, destacando a necessidade de estratégias que considerem as características únicas e os contextos de cada empreendedora.

Apoio Familiar e Demais Pessoas

No contexto do empreendedorismo feminino na economia informal, o apoio familiar e comunitário emerge como um fator crucial, influenciando não apenas a incursão inicial no empreendedorismo, mas também o desenvolvimento sustentável e a resiliência dos negócios conduzidos por mulheres. As narrativas coletadas das empreendedoras revelam um interessante espectro de experiências com esse apoio, variando de encorajamento explícito e provisão de recursos a percepções ambivalentes que refletem tensões subjacentes.

Algumas participantes relataram receber um apoio significativo de suas famílias, que se traduziu em recursos materiais e incentivos emocionais essenciais para a manutenção de seus negócios. A entrevistada E2, por exemplo, destaca o papel ativo de seus pais em fornecer materiais para seus projetos de bordado, refletindo um envolvimento direto e prático: "*Sim, até hoje a minha mãe e meu pai... sempre me trazem coisas tipo tecido, linha... então eles sempre incentivaram bastante*". Da mesma forma, E5 descreve o apoio logístico e emocional recebido, sublinhando a importância de ter uma rede de segurança confiável: "*Sim, tive apoio... o apoio que eu tenho é deles... quando eu preciso fazer alguma entrega, a minha mãe e meu padrasto que eu recorro*".

No entanto, nem todas as experiências de apoio foram positivas ou unidimensionais. Algumas empreendedoras enfrentaram a hesitação e até mesmo resistência de suas famílias, que em alguns casos viam o empreendedorismo como uma escolha de carreira menos legítima ou segura. A entrevistada E4 expressa essa ambivalência ao perceber que sua família talvez veja seu negócio mais como um *hobby* do que como uma carreira legítima: "*Eu tenho a impressão... que não conseguem enxergar que eu trabalho com isso... parece que não é um apoio no que eu já faço e que eu acredito*". Já E3 relata uma pressão similar para buscar alternativas de emprego mais "tradicionais", ressaltando a tensão entre as aspirações empreendedoras e as expectativas familiares: "*Aí eu já sinto a 'forçação' de barra... porque tu não vai trabalhar um trabalho fixo, tu precisa dum trabalho fixo*".

A partir da análise das narrativas coletadas, observa-se que as empreendedoras que mencionaram receber apoio familiar acerca da decisão de empreender demonstravam-se mais seguras acerca das tomadas de decisão inerentes ao seu negócio. Essas observações sublinham importância crucial do apoio familiar no empreendedorismo feminino, um tema amplamente discutido na literatura acadêmica. Estudos como os de Vasconcelos (2014) e Welsh, *et al*. (2018) confirmam que o apoio familiar não só fortalece a confiança das empreendedoras, mas também contribui significativamente para o sucesso de seus empreendimentos. Além disso, Al-Dajani e Marlow (2013) apontam que esse apoio pode ser um fator determinante na superação de barreiras impostas por normas de gênero tradicionais, permitindo que as empreendedoras naveguem de forma mais eficaz no ambiente desafiador da economia informal.

Portanto, ao considerar a trajetória das mulheres na economia informal, é essencial reconhecer a importância do apoio familiar e comunitário. Compreender essas dinâmicas não apenas enriquece a análise do empreendedorismo feminino, mas também destaca áreas potenciais para intervenções políticas e programas de apoio que reconheçam e abordem as necessidades específicas das mulheres empreendedoras, principalmente aquelas que não apresentam rede de apoio estruturada.

Dificuldades e Desafios

A jornada empreendedora das mulheres na economia informal é marcada por uma complexidade de desafios, notadamente a gestão multifacetada de responsabilidades com o acúmulo de responsabilidades emergindo como um tema predominante. Este fenômeno reflete as descobertas de DiRienzo e Das (2021), que identificaram uma relação inversa entre o tamanho do setor informal e a prevalência do empreendedorismo feminino no setor formal, sugerindo que as barreiras discriminatórias na economia formal impulsionam as mulheres para o setor informal, onde enfrentam uma ampla gama de responsabilidades.

Há uma tendência de as empreendedoras concentrarem-se em suas nas atividades-fim, evitando tarefas de gestão. Essa observação ressoa com a noção de "EUPRESA" (jogo com as palavras "eu" e "empresa"), citada por E5. Esse fenômeno, onde a empreendedora se vê obrigada a desdobrar-se em múltiplas funções, é emblemático dos desafios de gerir um negócio unipessoal. Esta gestão de papéis ilustra a intensidade e a diversidade das exigências enfrentadas pelas empreendedoras, alinhando-se com Quak e Barenboim (2022), que destacam a informalidade como um espaço de oportunidades e desafios únicos para as mulheres.

Outro aspecto que emerge na fala das entrevistadas diz respeito a versatilidade exigida das empreendedoras, que frequentemente navegam por diversas áreas de gestão sem o apoio formalizado que está presente em estruturas empresariais mais estabelecidas. Como exemplo reforçando a extensão desse desafio, E3 ressoa com a dinâmica de assumir simultaneamente múltiplos papéis: "*a gestão do meu negócio exige que eu seja ilustradora, estrategista de marketing e contadora, tudo em um*". A literatura sugere que essa pluralidade de responsabilidades pode ser atribuída às barreiras discriminatórias no setor formal, que muitas vezes relegam as mulheres ao empreendedorismo informal (DIRIENZO; DAS, 2021). Este setor, apesar de oferecer flexibilidade e oportunidades de autogestão, impõe desafios significativos, especialmente em termos de acesso a recursos, capacitação empresarial e suporte institucional (QUAK; BARENBOIM, 2022).

No que tange aos aspectos burocráticos do negócio, as empreendedoras expressaram preocupações sobre a precificação de seus produtos e serviços, destacando o desafio de equilibrar o valor de mercado com o medo de rejeição. A entrevistada E1 compartilhou: "*Eu acho que eu tenho dificuldade em cobrar as pessoas... tenho medo de que a pessoa ache que é muito caro*". Essa insegurança na precificação é um reflexo da falta de confiança e do receio de não ser aceita pelo mercado, um tema também explorado por Kavaarpuo e Yeboah (2023), que apontam o receio da burocracia e da falta de conhecimento em estratégias de formalização nas inseguranças enfrentadas

pelas empreendedoras. A literatura sugere que o apoio à transição das mulheres do setor informal para o empreendedorismo formal pode aliviar alguns desses desafios, proporcionando estruturas e recursos mais claros para a gestão empresarial e a precificação (DIRIENZO; DAS, 2021).

Sendo assim, a discussão em torno das dificuldades e desafios enfrentados por mulheres empreendedoras na economia informal revela a complexidade inerente a este contexto. A literatura existente e os relatos das entrevistadas convergem para destacar a multifacetada gestão de responsabilidades, os desafios e a dualidade de oportunidades da economia informal. Reconhecer essas dimensões e integrá-las em estratégias de suporte direcionadas pode facilitar a transição das mulheres para empreendimentos formais mais sustentáveis e com um espectro de suporte maior.

Benefícios e Oportunidades

Apesar dos obstáculos enfrentados pelas mulheres, o empreendedorismo na economia informal também revela benefícios significativos e oportunidades de crescimento pessoal e profissional. A autonomia e a flexibilidade são altamente valorizadas, proporcionando às empreendedoras a liberdade de alinhar seu trabalho com suas paixões e valores pessoais. Como destaca E3, *"Dirigir meu negócio me oferece liberdade criativa e a capacidade de definir meus próprios horários, o que é essencial*". Esse sentimento de autonomia e propósito encontra eco em Quak e Barenboim (2022), que reconhecem o potencial emancipatório do empreendedorismo feminino na economia informal.

Adicionalmente, a construção de redes de apoio e a colaboração com outras empreendedoras emergem como pilares de força e inspiração. E3 relata: "*A criação de parcerias expandiu meu networking e abriu portas para novas oportunidades, reforçando a importância do capital social no meu sucesso empresarial*". Essa observação tem sinergia com a literatura que sublinha a importância das redes de apoio para navegar pelos desafios do empreendedorismo feminino (KAVAARPUO; YEBOAH, 2023).

As experiências das entrevistadas iluminam não apenas os desafios, mas também os momentos significativos de crescimento e realização. Por exemplo, E6 expressa como a necessidade de interação social, apesar de sua timidez, tornou-se uma força propulsora: "*Eu ter que ir pras feiras, eu me obrigo a conhecer pessoas, isso é muito bom pra mim*". Essa exposição não só expande suas redes, mas também contribui para seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Da mesma forma, E5 e E8 destacam a satisfação derivada de trabalhar em projetos alinhados com seus interesses e valores. E5 relata a alegria de colaborar com indivíduos que admira: "*Ter essa possibilidade de trabalhar com ele, pra mim foi muito... foi muito legal*". A entrevistada E8 encontra

empoderamento e inspiração em sua conexão com outras mulheres empreendedoras: "*Eu ver que tem outras mulheres também lutando por espaço e tudo mais, isso me faz querer sempre ir mais além*". Além disso, a flexibilidade na gestão do tempo, uma vantagem frequentemente mencionada por empreendedores, é particularmente salientada por E7, que aprecia a capacidade de "*fazer as decisões*" e escolher como e quando trabalhar. Essa flexibilidade é crucial não apenas para a eficiência e produtividade, mas também para o equilíbrio entre vida pessoal e profissional.

Em síntese, as dificuldades enfrentadas pelas empreendedoras na economia informal são contrabalançadas pelos benefícios inerentes à autonomia, flexibilidade e oportunidade de construir relações significativas e redes de apoio. Essas experiências não destacam apenas uma jornada empreendedora desafiadora, mas também recompensadora, refletindo a capacidade das mulheres de transformar adversidades em oportunidades, impulsionadas por uma mistura de fatores estruturais e socioculturais. Assim, o empreendedorismo feminino na economia informal emerge como um campo fértil para a inovação, a realização pessoal e o impacto social, reiterando o papel vital das mulheres empreendedoras como agentes de mudança e desenvolvimento.

DISCUSSÃO

A trajetória das empreendedoras revela como a interseção de diversas identidades molda suas experiências no empreendedorismo. A partir do perfil demográfico e educacional destas, observa-se que, apesar das variadas origens e setores de atuação, emerge uma narrativa comum de resiliência, inovação e busca por autonomia. É crucial reconhecer que essas interseções criam desafios únicos, mas também oportunidades para inovação e crescimento.

A decisão de empreender, muitas vezes impulsionada por necessidades econômicas e de autonomia, pode ser vista como um ato de resistência contra as estruturas econômicas e sociais opressivas. As empreendedoras não estão apenas buscando meios de subsistência, mas também redefinindo o espaço que ocupam na sociedade e na economia. Tal observação é fortalecida a partir das narrativas que demonstram que, além da busca pela subsistência econômica, as empreendedoras também enfocaram e permaneceram engajadas ao seguirem para atividades que despertassem sua autorrealização e independência. Isso demonstra a importância de políticas públicas que reconheçam e apoiem o empreendedorismo feminino como um meio de empoderamento econômico e social.

Com um olhar mais atento às implicações das experiências no contexto da economia informal, uma síntese dos principais *insights* e constatações derivadas da análise das trajetórias das

empreendedoras entrevistadas neste estudo pode ser dividida em quatro temáticas centrais, que capturam a essência do empreendedorismo feminino nesse cenário. São elas:

- **Resiliência e inovação:** As trajetórias das empreendedoras refletem uma notável capacidade de adaptação e inovação. A diversidade de contextos familiares e valores internalizados, como a educação e a persistência, evidenciam a resiliência das empreendedoras diante dos desafios impostos pela economia informal. Esses valores não apenas fomentam a predisposição para empreender, como também propiciam a inovação necessária para navegar e prosperar em um ambiente econômico incerto.
- **Autonomia:** A autonomia emerge das histórias das mulheres empreendedoras como um elemento central na decisão de empreender, que transcende a simples busca por renda, refletindo uma redefinição dos papéis tradicionais e um desafio às normas de gênero estabelecidas. Nota-se assim, uma transição das mulheres para posições de liderança e gestão de negócios. Esse movimento reforça a compreensão do empreendedorismo feminino como um meio de empoderamento pessoal e econômico.
- **Barreiras estruturais e socioculturais:** Apesar dos avanços individuais e coletivos, as empreendedoras ainda enfrentam barreiras significativas, que vão desde aspectos formais de seus modelos de negócio, tais como a precificação de seus produtos e serviços, até o acesso limitado a recursos e redes de apoio. Esses obstáculos refletem desigualdades mais amplas presentes na sociedade e na economia e sublinham a necessidade de políticas públicas e programas de apoio específicos e adaptados às necessidades das empreendedoras.
- **Contribuições para a comunidade e economia:** As empreendedoras não apenas buscam seu próprio desenvolvimento e melhorias na qualidade de vida, mas também contribuem de forma significativa para as comunidades locais e para a economia como um todo. Os benefícios identificados, como a flexibilidade e a capacidade de criar redes de apoio possibilita que as empreendedoras atuem como agentes de mudança, promovendo inovação e criando oportunidades de negócio.

Com base nas reflexões acerca das temáticas, torna-se evidente que para dar suporte às empreendedoras da economia informal medidas concretas devem ser adotadas. Primeiramente, é imperativo abordar as barreiras sistêmicas, como o limitado acesso a recursos financeiros e a reticência em formalizar negócios, que constituem obstáculos significativos ao pleno aproveitamento do potencial empreendedor das mulheres. Também é crucial criar um ambiente que não apenas ofereça incentivos financeiros, mas também promova a educação e a orientação sobre os benefícios e processos de formalização de negócios. Adicionalmente, o apoio social e comunitário se destaca como um elemento fundamental para o sucesso e a sustentabilidade das iniciativas empreendedoras femininas. A construção e o fortalecimento de redes de apoio e mentorias são vitais, pois proporcionam às empreendedoras os recursos, a confiança e o conhecimento necessários para superar os desafios e expandir seus empreendimentos.

A promoção de políticas públicas e programas que reconheçam e abordem as necessidades específicas das empreendedoras na economia informal pode desempenhar um papel crucial na ampliação das oportunidades de crescimento e sucesso para essas mulheres. A seguir, a Seção 5.1

direciona a discussão para um contexto de elaboração de políticas e programas de apoio e fortalecimento do empreendedorismo feminino na economia informal, visando um ambiente mais inclusivo e empoderado.

Recomendações para Políticas Públicas e Práticas Organizacionais

A inclusão financeira de empreendedoras é fundamental para promover o empreendedorismo feminino e contribuir para o desenvolvimento econômico sustentável. De acordo com o mais recente relatório da *Global Findex Database*, apesar do progresso observado na inclusão financeira em escala global, desigualdades significativas persistem, especialmente em relação ao gênero (DEMIRGÜÇ-KUNT *et al*., 2022). Conforme apontado pelo estudo, a propriedade de contas em instituições financeiras por mulheres, embora tenha aumentado, ainda permanece abaixo daquela observada entre os homens em muitas economias. Essa lacuna evidencia a necessidade contínua de políticas públicas e práticas organizacionais que abordem especificamente os obstáculos enfrentados pelas mulheres no acesso a recursos financeiros.

Nesse sentido, programas de microcrédito emergem como uma alternativa vital para mulheres empreendedoras, especialmente aquelas sem formalização no Brasil. O estudo de Arbolino *et al*. (2018) demonstra o potencial do microcrédito, não apenas para à inclusão social, mas como um catalisador para o desenvolvimento socioeconômico sustentável. Embora focado na Itália, os princípios identificados podem ser aplicados ao contexto brasileiro, onde o microcrédito pode servir como uma ferramenta estratégica para superar as barreiras financeiras enfrentadas por mulheres empreendedoras. A implementação de programas de microcrédito adaptados às necessidades específicas das mulheres pode facilitar o acesso aos recursos financeiros necessários, promover a autonomia econômica e contribuir para o fechamento da lacuna de gênero no empreendedorismo. Essa abordagem alinha-se aos esforços para um desenvolvimento equitativo, fortalecendo o papel das mulheres na economia e incentivando o crescimento de negócios liderados por elas em um cenário atualmente marcado por desigualdades persistentes.

Ao mesmo tempo, ressalta-se a importância de programas de capacitação que não apenas equipem as mulheres com habilidades empreendedoras e financeiras, mas também desafiem as normas de gênero que limitam seu potencial empreendedor. Nesse sentido, a eficácia dos programas de educação financeira para mulheres empreendedoras, especialmente na economia informal brasileira, é uma discussão vital. Exemplos internacionais, como o *10,000 Women* da *Goldman Sachs* (PRÜGL; TRUE, 2014) e o *Women's Entrepreneurship Development* (ILO-WED) da Organização Internacional

do Trabalho (OIT, 2023), ilustram como tais iniciativas podem fornecer conhecimento técnico e habilidades empreendedoras, essenciais para o empoderamento feminino. No Brasil, a colaboração com instituições locais, exemplificada pelo Banco Palmas (MOSTAGI *et al*., 2019) e iniciativas como "Ela Pode" do Instituto Rede Mulher Empreendedora (RME, 2024), demonstram a capacidade de adaptar esses programas às necessidades das mulheres empreendedoras brasileiras.

Para tornar os programas de educação financeira mais acessíveis às mulheres empreendedoras na economia informal brasileira, podemos nos inspirar em iniciativas internacionais recentes, como o *Women's Entrepreneurship Symposium*, organizado pelo USPTO, e a *AWIEF Conference* de 2023. Estes eventos destacam a importância de promover o empreendedorismo feminino através de uma combinação de capacitação, mentorias e acesso a redes de suporte e, também, enfatizam a importância da inovação e da proteção da propriedade intelectual. Tais iniciativas demonstram a eficácia de simpósios e conferências para compartilhar conhecimentos, programas de mentoria para conectar empreendedoras com líderes experientes e plataformas digitais de aprendizagem que oferecem cursos acessíveis e facilitados para a utilização.

Uma alternativa com potencial de ser agregada tanto a nível estadual quanto municipal é a inserção de programas que incentivem a criação de centros de empreendedorismo feminino, oferecendo cursos e *workshops* por meio das secretarias de Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Empreendedorismo. Nesse âmbito, poder-se-ia replicar o sucesso de programas internacionais e adaptá-los ao contexto brasileiro.

Como um elemento importante, parcerias público-privadas são recomendadas para ampliar a disponibilidade de microcréditos acompanhados de educação financeira. Em conjunto, plataformas digitais de aprendizagem podem ser patrocinadas por programas de incentivo ao empreendedorismo e inovação governamentais. Para tanto, é essencial a criação de uma linha de fomento específica para mulheres empreendedoras a fim de reparar as desigualdades de gênero historicamente estabelecidas e fomentar atividades que movimentem a economia local, empoderando mulheres como agentes protagonistas de suas trajetórias.

A facilitação da formalização de empresas e o fortalecimento de redes de apoio entre empreendedoras também são identificados como elementos chave para a criação de um ecossistema empreendedor mais inclusivo e equitativo. Simplificar tal processo e oferecer incentivos para a transição à economia formal pode trazer uma série de benefícios para as empreendedoras, incluindo maior segurança jurídica e acesso a mercados mais amplos. Este movimento rumo à formalização é essencial para a integração das empreendedoras em cadeias de valor mais lucrativas e sustentáveis, contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico regional e nacional.

A integração de tais elementos – políticas de inclusão financeira, programas de educação e capacitação, facilitação da formalização e fortalecimento de redes de apoio – apresenta-se como um caminho frutífero para construir um ecossistema empreendedor mais inclusivo e equitativo. Essa abordagem holística não apenas beneficia as empreendedoras individualmente, mas também contribui para o crescimento econômico sustentável e a igualdade de gênero em uma escala mais ampla.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo explorou as trajetórias dinâmicas de mulheres empreendedoras na economia informal brasileira, revelando um panorama rico de motivações, desafios, apoios e oportunidades que moldam suas experiências empreendedoras. A análise dos perfis, histórias de vida, motivações para empreender, bem como o apoio recebido e os desafios enfrentados, oferece *insights* valiosos sobre a tessitura do empreendedorismo feminino neste contexto.

Ao enfatizar o papel vital das mulheres empreendedoras na economia informal, este estudo traz à tona a importância de olhar atentamente para as necessidades específicas dessas mulheres, que protagonizam um papel tão importante na dinâmica econômica do país. As trajetórias empreendedoras dessas mulheres destacam a complexidade e a riqueza de suas experiências. Revelando-se resilientes e adaptáveis, as mulheres demonstram diversidade em termos de idade, formação educacional e áreas de atuação, evidenciando a multifuncionalidade do empreendedorismo feminino, que vai além da mera sobrevivência econômica, abarcando também a busca por autonomia e realização pessoal.

O estudo evidenciou que, apesar dos desafios persistentes, tais como: as dificuldades com aspectos formais do negócio e o acesso limitado a recursos, a rede de apoio e comunidades surgem como um pilar crucial para o sucesso das empreendedoras, proporcionando recursos materiais e incentivos emocionais. Este apoio não só reforça a confiança das empreendedoras, mas também contribui significativamente para o sucesso de seus empreendimentos, destacando a necessidade de políticas públicas e programas de suporte que reconheçam e abordem as desigualdades mais amplas presentes no ambiente empreendedor.

Diante dos achados, torna-se evidente a necessidade de fortalecer as políticas públicas destinadas a promover a inclusão financeira das empreendedoras na economia informal. Isso engloba tanto facilitar o acesso a recursos e capacitação quanto descomplicar o processo de formalização dos negócios. Além disso, é fundamental incentivar e apoiar a formação de redes de empreendedoras, oferecendo uma plataforma para o compartilhamento de conhecimentos, experiências e acesso a oportunidades de negócio.

Para futuras pesquisas, recomenda-se a realização de estudos longitudinais que acompanhem a evolução dos negócios das empreendedoras ao longo do tempo, bem como pesquisas em diferentes contextos geográficos e setoriais para compreender como variáveis contextuais influenciam o empreendedorismo feminino na economia informal. Além disso, a avaliação do impacto de políticas específicas no apoio ao empreendedorismo feminino poderia identificar práticas eficazes e áreas que necessitam de aprimoramento. É imperativo que se continue a explorar, apoiar e valorizar as contribuições dessas empreendedoras, garantindo que suas vozes e necessidades sejam ouvidas e consideradas, promovendo assim a aproximação de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

A partir dos resultados apresentados, conclui-se que as mulheres empreendedoras na economia informal brasileira demonstram um perfil diversificado, atuando com multifuncionalidade e resiliência para superar desafios estruturais e burocráticos. Os dados evidenciam elementos decisivos para a consolidação de seus negócios, contribuindo para a construção de trajetórias pautadas na autonomia e na transformação de limitações em oportunidades. Dessa forma, os achados reforçam a necessidade de políticas públicas voltadas à inclusão financeira, à simplificação dos processos de formalização e ao fortalecimento das redes de apoio, garantindo condições para o crescimento sustentável dos empreendimentos femininos.

REFERÊNCIAS

AL-DAJANI, H.; MARLOW, S. “Empowerment and entrepreneurship: A theoretical framework”. **International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research**, vol. 19, n. 5, 2013.

ARBOLINO, R. *et al*. “Mitigating regional disparities through microfinancing: An analysis of microcredit as a sustainability tool for territorial development in Italy”. **Land Use Policy**, vol. 70, 2018.

BAUMAN, A. “Qualitative online interviews: Strategies, design, and skills”. **Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal**, vol. 10, n. 2, 2015.

BRAUN, V.; CLARKE, V. **Thematic analysis**: A practical guide. Nova Iorque: Sage Publications, 2021.

CAVALCANTE, J. S. **Empreendedorismo feminino**: um estudo sobre o perfil das mulheres empreendedoras informais no município de Solânea-PB (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Administração). João Pessoa: UFPB, 2018.

CRESWELL, J. W.; POTH, C. N. **Qualitative inquiry and research design**: Choosing among five approaches. Nova Iorque: Sage Publications, 2016.

DEMIRGÜÇ-KUNT, A. *et al*. “The Global Findex Database 2021: Financial inclusion, digital payments, and resilience in the age of COVID-19”. Washington: World Bank Publications, 2022.

DIRIENZO, C. E.; DAS, J. "Formal Female Entrepreneurship and the Shadow Economy". **Journal of Economics and Behavioral Studies**, vol. 13, n. 5, 2021.

FABRÍCIO, J.; VIZEU, F.; PEREIRA, J. "Empreendedorismo feminino sob três epistemologias distintas: Revisão sistemática qualitativa da literatura". **Revista de Administração, Sociedade e Inovação**, vol. 10, n. 3, 2024.

FAIRLIE, R. W.; FOSSEN, F. M. "Defining opportunity versus necessity entrepreneurship: Two components of business creation". *In*: SOLOMON, W. **Change at Home, in the Labor Market, and on the Job**. Cham: Emerald Publishing Limited, 2020.

FLEITAS, L. *et al*. "Empreendedorismo feminino e marketing digital em territórios de fronteira durante a pandemia da COVID-19". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 19, n. 55, 2024.

FLORES, J. G. **Análisis de datos cualitativos**: Aplicaciones a la investigación educativa. Barcelona: PPU, 1994.

GEM – Global Entrepreneurship Monitor. **2023/2024 Global Report**: 25 Years and Growing. Londres: GEM, 2023. Disponível em: <www.gemconsortium.org>. Acesso em: 02/02/2025.

GEM – Global Entrepreneurship Monitor. **2024/2025 Global Report**: Entrepreneurship Reality Check. Londres: GEM, 2024. Disponível em: <www.gemconsortium.org>. Acesso em: 02/02/2025.

GUEST, G.; BUNCE, A.; JOHNSON, L. "How many interviews are enough? An experiment with data saturation and variability". **Field Methods**, vol. 18, n. 1, 2006.

GUILLEMIN, M.; GILLAM, L. "Ethics, reflexivity, and 'ethically important moments' in research". **Qualitative Inquiry**, vol. 10, n. 2, 2004.

HLADY-RISPAL, M.; FAYOLLE, A.; GARTNER, W. B. **In search of creative qualitative methods to capture current entrepreneurship research challenges. Big Questions and Great Answers in Entrepreneurship Research**. London: Edward Elgar Publishing, 2024.

IIZUKA, E. S.; COSTA, H. S. "Negócios inclusivos liderados por mulheres empreendedoras: busca por avanços teóricos e empíricos". **Cadernos EBAPE.BR**, vol. 20, n. 4, 2022.

JORNAL PRIMEIRA PÁGINA. "Empreendedorismo feminino recebe R$ 265 mi". **Jornal Primeira Página** [2023]. Disponível em: <www.jornalpp.com.br>. Acesso em: 11/01/2025.

KAI, F. O.; QUEIROZ, A. R. A. "Revisão sistemática sobre empreendedorismo e empoderamento feminino na base de dados da web of Science". **Cadernos de Gestão e Empreendedorismo**, vol. 10, n. 2, 2022.

KAVAARPUO, E. A. V.; YEBOAH, P. Y. A. "Female Entrepreneurship and Ghana's Informal Economy: Prospects and Challenges". **International Journal for Multidisciplinary Research**, vol. 5, n. 3, 2023.

LENGLER, L.; ESTIVALETE, V. D. F. B.; FERREIRA, J. M. C. "Construção e validação do protocolo de entrevista: contribuições para investigação qualitativa com empreendedores sociais de dois países". **Anais do 8º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa**. Lisboa: Ludomedia, 2019.

MAY, T. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MINAYO, M. C. *et al*. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

MOSTAGI, N. C. *et al*. "Banco Palmas: inclusão e desenvolvimento local". **Interações**, vol. 20, 2019.

NOY, C. "Sampling knowledge: The hermeneutics of snowball sampling in qualitative research". **International Journal of Social Research Methodology**, vol. 11, n. 4, 2008.

OIT – Organização Internacional do Trabalho. **Estadísticas de la economía informal**. Genebra: OIT, 2023. Disponível em: <www.ilo.org>. Acesso em: 05/03/2025.

PATTON, M. Q. **Qualitative research and evaluation methods**: Integrating theory and practice. New York: Sage Publications, 2015.

PRÜGL, E.; TRUE, J. "Equality means business? Governing gender through transnational public-private partnerships". **Review of International Political Economy**, vol. 21, n. 6, 2014.

QUAK, E. J.; BARENBOIM, I. **Female Entrepreneurship and Informality in Low-and Middle-Income Countries**: What Have We Learned So Far. Brighton: Institute of Development Studies, 2022.

RAHIMI, et al. "Saturation in qualitative research: An evolutionary concept analysis". **International Journal of Nursing Studies Advances**, vol. 6, 2024.

RINDOVA, V.; BARRY, D.; KETCHEN JR, D. J. "Entrepreneuring as emancipation". **Academy of Management Review**, vol. 34, n. 3, 2009.

RME – Instituto Rede Mulher Empreendedora. **Elapodê**. São Paulo: RME, 2024. Disponível em: <www.elapode.com.br>. Acesso em: 01/03/2025.

SILVA, C. A.; ANDRADE, D. M.; ALCÂNTARA, V. C. "Perspectives on Entrepreneurial Action: A Scoping Review of the Literature". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 18, n. 53, 2024.

SINGH, R. *et al*. "Measuring the impact of digital entrepreneurship training on entrepreneurial intention: the mediating role of entrepreneurial competencies". **Journal of Work-Applied Management**, vol. 16, n. 1, 2024.

SOWATEY, E. *et al*. "Spaces of resilience, ingenuity, and entrepreneurship in informal work in Ghana". **International Planning Studies**, vol. 23, n. 4, 2018.

STRAWSER, J. A.; HECHAVARRÍA, D. M.; PASSERINI, K. "Gender and entrepreneurship: Research frameworks, barriers and opportunities for women entrepreneurship worldwide". **Journal of Small Business Management**, vol. 59, n. 1, 2021.

STROPARO, T. R.; SENHORAS, E. M. **Empreendedorismo Feminino**. Boa Vista: Editora IOLE, 2023.

TRACY, S. J. **Qualitative research methods**: Collecting evidence, crafting analysis, communicating impact. London: Wiley-Blackwell, 2020.

VASCONCELOS, R. C. R. **Os vínculos entre o processo de aprendizagem e o desenvolvimento de competências de mulheres-empreendedoras** (Dissertação de Mestrado em Administração). João Pessoa: UFPB, 2014.

VÁSQUEZ, C.; SERGI, V.; HUSSENOT, A. "A process ontology perspective on qualitative analysis in organizational communication research". **Research Gate** [2024]. Disponível em: <www.researchgate.net>. Acesso em: 21/01/2025.

WELSH, D. H. *et al*. "Business-family interface and the performance of women entrepreneurs: The moderating effect of economic development". **International Journal of Emerging Markets**, vol. 13, n. 2, 2018.

WEST, C.; ZIMMERMAN, D. H. "Doing gender". **Gender and Society**, vol. 1, n. 2, 1987.

XHENETI, M.; MADDEN, A.; THAPA KARKI, S. "Value of formalization for women entrepreneurs in developing contexts: A review and research agenda". **International Journal of Management Reviews**, vol. 21, n. 1, 2019.

XHENETI, M; MADDEN, A. Women's entrepreneurship in the informal economy: A socio-spatial perspective. **Human Relations**, vol. 0, 2024.

ZWANE, H. C.; ZHOU, S. "Entrepreneurial challenges facing female entrepreneurs in informal micro businesses: a case study of uMhlathuze municipality". **EUREKA: Social and Humanities**, n. 2, 2023.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VII | Volume 21 | Nº 61 | Boa Vista |2025

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima